

CEDI - P. I. B.  
DATA 01 / 12 / 86  
COD. TMO 01



377

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO ATUAL DOS TENHARIM  
(KAWAHIWA) DO RIO MARMELOS, EST. AMAZONAS

Miguel Menéndez

OUTUBRO  
- 1984 -

# **Dipec**

01 - INTRODUÇÃO. . . . .	01
02 - NOME. . . . .	03
03 - LÍNGUA. . . . .	03
04 - LOCALIZAÇÃO . . . . .	04
05 - A ALDEIA. . . . .	05
06 - POPULAÇÃO . . . . .	08
07 - HISTÓRICO DO CONTATO. . . . .	09
08 - MODO DE VIDA. . . . .	
8.1. - ORGANIZAÇÃO SOCIAL . . . . .	12
8.2. - SUBSISTÊNCIA . . . . .	13
09 - TUTELA E ASSISTÊNCIA. . . . .	15
10 - SERVIÇOS DE SAÚDE . . . . .	19
11 - EDUCAÇÃO ESCOLAR. . . . .	20
12 - SITUAÇÃO ATUAL DAS TERRAS . . . . .	21
13 - COMÉRCIO. . . . .	25
14 - SUGESTÕES PROPOSTAS . . . . .	27
15 - TRABALHOS CITADOS . . . . .	29



RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO ATUAL DOS TENHARIM (KAWAHIWA) DO RIO  
MARMELOS, EST. AMAZONAS

---

Miguel Menéndez  
Outubro de 1984

1. INTRODUÇÃO:

O presente relatório refere-se ao quadro da situação atual dos Tenharim, sub-grupo Kawahiwa, localizados no cruzamento da estrada BR-230 (Transamazônica) com o rio Marmelos, Município de Humaitá, Estado do Amazonas. As informações aqui apresentadas foram obtidas durante a permanência em campo nos meses de julho de 1983, fevereiro e julho de 1984. Apóia-se ainda em bibliografia referente aos Parintintin do rio Maicy e os Paranauat e Tukumanfed do curso médio do rio Machado.

Assim sendo, a informação apresentada tenta oferecer um quadro amplo da situação em que se encontram estes indígenas, localizados à beira de uma das mais controvertidas estradas brasileiras. Após 14 anos de contato permanente com a sociedade regional, os Tenharim apresentam um avançado estado de aculturação. Entretanto, esta situação de descaracterização cultural é o resultado de um processo mais ou menos lento que só passa a acelerar-se nos últimos tempos. Desde meados do século passado, os Tenharim ofereceram, junto com os outros grupos Kawashiwa, forte resistência aos intentos de penetração de seu território por parte das frentes pioneiras dedicadas à extração da borracha, que partiam da cidade de Humaitá. Só a partir da década de 1940 passaram a ter contato permanente com alguns seringueiros e, desde então, o relacionamento com a população regional foi cada vez mais intenso, passando

**Sipe**

a sofrer as consequências do contato indiscriminado: perda dos padrões culturais originais (aculturação), doenças, alcoolismo, etc. Os efeitos dessa aculturação vem-se agravando particularmente a partir da década passada, com a abertura da estrada Transamazônica que cruza toda a Reserva Tenharim, fato que possibilitou a implantação na região de grandes projetos agrícolas por parte do INCRA, como o do rio Juma, no Município do Apuí que pretende assentar 6.000 famílias na região, ou a ação de empresas mineradoras: Mineração São Francisco/Paranapanema. Acelerando-se assim o processo de desorganização pelo fato da estrada passar junto à maior parte dos núcleos habitacionais Tenharim e por dentro da própria aldeia do Marmelos. Ônibus, caminhões, carros particulares com sua carga de poluição e de elementos prejudiciais passam incessantemente, dia e noite, a poucos metros das casas Tenharim. Assim, depois do embate inicial da frente extrativista, integrada por elementos originários do Maranhão, Ceará ou Pernambuco, com longos anos de atuação na região, os Tenharim sofrem agora o choque produzido pela frente de expansão agrícola-pastoril, formada por contingentes provenientes do sul do país (Paraná, Santa Catarina) que passam a ter com os indígenas um relacionamento baseado em preconceitos sem qualquer fundamento: o Tenharim "é vadio", "não gosta de trabalhar", "é cachaceiro", "é ladrão", etc. Integrantes das frentes de expansão impingem aos Tenharim, o sentimento de vergonha para suas tradições enquanto nação indígena, o que os impede de manter com a população envolvente relações de igualdade.

Desse modo, em nome de um "Desenvolvimento" e de um "Progresso" suspeitos, os Tenharim, pela integração compulsória numa realidade que lhes é completamente estranha, assistem cotidianamente à destruição de seu habitat, o que implica, se nada for feito em contrário, na destruição de sua cultura como Nação Indígena e conseqüentemente sua destruição como indivíduos.

2. NOME:

Os Tenharim do Rio Marmelos integram um conjunto de grupos de fala Tupi que se localizam na região dos afluentes orientais do médio Madeira (Parintintin, Diarroi, Apairande, etc.), de auto-denominação Kawahiwa. Esta designação é registrada pela primeira vez por volta de 1750, nos formadores do alto Juruena, Mato Grosso. Nimuendaju (1924 - 201), tentou elucidar o significado desta designação, mas o mesmo permanece confuso. Em perguntas realizadas aos Tenharim, a resposta dada é que o termo significa "nós", "a gente", em contraposição à "Aiiipin", qualificativo para estrangeiro.

Quanto à designação Tenharim, a mesma é registrada por volta da década de 1950 e ao que tudo indica, é uma designação dada pelo branco, não estando sua origem e significado ainda devidamente esclarecido. Conforme Betts (1981:14), os Parintintin chamam "Apyte'ri'gã" a parentes que moram no Rio Marmelos.

3. LÍNGUA:

A língua falada pelos Tenharim se inclui na família Tupi-guarani. Assim sendo, dentro da área Tapajós-Madeira, os Kawahiwa seriam os únicos desta família linguística. Os outros dois grupos dessa área associados aos Tupi-guarani, os Mawê e os Mundurukū, são classificados dentro do tronco Tupi, porém como línguas não Tupi-guarani (Rodrigues (1982:12).

Os grupos Kawahiwa remanescentes, Parintintin, Diarroi e Tenharim não apresentam diferenças dialetais. Atualmente, o estudo da língua Kawahiwa está sendo feito por dois pesquisadores do Summer Institute of Linguistics - SIL (Parintintin entre 1961 e 1968, Tenharim, desde 1972), visando traduzir textos bíblicos, resultando até agora num livro de lendas Parintintin (1966), e num dicionário Parintintin-Português Por

tuguês-Parintintin (1981).

No que diz respeito aos Tenharim do Marmelos, além da língua tradicional, todos falam o português regional, existindo uma única mulher adulta que fala só a "gíria" Tenharim. Entretanto, o português só é usado na comunicação com o branco. Entre si, os Tenharim só usam sua língua, por vezes entremeadada de palavras portuguesas, quando as conversas se referem ao mundo dos brancos.

#### 4. LOCALIZAÇÃO:

Em 1817, os Kawahiwa foram localizados na região das cabeceiras dos Rios Abacaxis, Canumã e Mahue sob a denominação genérica de Parintin (Cazal, 1976:324). Durante a primeira metade do século XIX, esse território parece ter estado sob o domínio dos Kawahiwa, não se aventurando nele, os grupos vizinhos (Sousa, 1848:424).

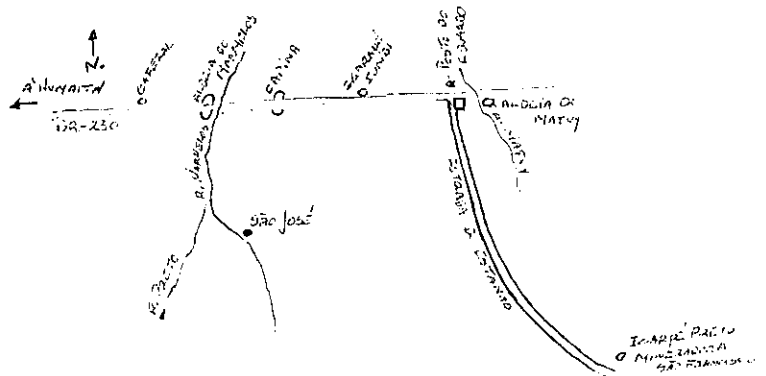
Desde 1852, na região dos Rios Maicy e Marmelos, é registrada a presença maciça dos "Parintintin" (Penna, 1853:178), o que sugere uma migração das cabeceiras daqueles rios para uma posição mais ao sul. Nimuendajú (1924:202), traça o mapa do território Kawahiwa que, segundo esse autor, se estendia desde a confluência do Maicy com o Madeira ao norte, até o Rio Machado, ao sul, e desde a margem direita do Rio Madeira, a oeste, até o Branco (um afluente do Marmelos), a leste.

Informações levantadas junto aos Tenharim confirmam a idéia de uma migração no sentido norte - sul. Segundo a tradição do grupo, Nhaparundi, o antecessor que sobreviveu a uma inundação que acontecera antigamente, se dirigiu com o resto de seu povo pelo Rio Madeira acima e depois pelo Marmelos, até superar a cachoeira do Paricã, que se constitui como limite natural entre os Tenharim e os civilizados. Deste modo, a bacia do Rio Marmelos, acima dessa cachoeira até suas cabeceiras, pode se considerado como território ocupado historicamente pelos Tenharim.



se encontra o núcleo principal de moradia dos Tenharim, a 124 Km da cidade de Humaitá. Outro núcleo significativo encontra-se a uns 20 Km do Marmelos, próximo ao cruzamento da estrada com o igarapé Mafuy. Ainda sobre a estrada há outros três sítios que podem ser considerados como acampamento de verão: Cafezal, a uns 3 Km para Oeste do Marmelos; Capina, a 8 Km a leste do rio e entre o Capina e o Mafuy; todos os ocupantes destes locais possuem casas na aldeia do Marmelos, para onde se dirigem durante a estação das chuvas.

FIGURA - 2



Localização atual dos Tenharim.

A mobilidade entre todos estes locais é intensa, as distâncias pequenas são cobertas a pé, utilizando-se do traçado



da estrada, enquanto as distâncias maiores são percorridas na medida do possível na base da "carona". Mas é preciso salientar que, embora seja grande o número de veículos que transita diariamente na região, é pouco frequente os Tenharim conseguirem viajar dessa forma, pois há resistência por parte dos regionais em dar "carona" aos índios.

##### 5. A ALDEIA:

A aldeia do rio Marmelos consta de casas situadas de ambos os lados da estrada. Cada uma delas é um único cômodo, formado por quatro paredes de paxiuba (*Iriarteia exorrhiza*), e teto de duas águas confeccionado com folhas de palmeira, abrigando uma família nuclear. A aldeia é sede do Posto Indígena Tenharim da FUNAI. As instalações do Posto consistem na casa do chefe, ao estilo das demais casas, possuindo como benfeitorias, um banheiro de alvenaria e chão de cimento; uma enfermaria e uma escola, ambas de alvenaria e teto de zinco; um galpão grande também de alvenaria e teto de zinco, que aloja o gerador e uma máquina beneficiadora de arroz. Durante uma das gestões, foram introduzidas na aldeia algumas outras benfeitorias, como um tanque de cimento de grande proporção, destinado a acumular água puxada do rio por uma bomba (desnível entre a aldeia e o rio é de aproximadamente 10 metros), facilitando desse modo a procura de água. Atualmente, o tanque está em desuso, a bomba não funciona mais e a água é procurada diretamente no rio por meio de panelas ou outros utensílios de alumínio. Também estão em desuso uma série de privadas de alvenaria localizadas próximas ao tanque e que constam de vasos sanitários, porém sem teto e sem caixa d'água. No presente, para as necessidades fisiológicas, os Tenharim se utilizam de uma série de privadas construídas em torno das casas, mais ou menos 15 a 20 mts de distância e que consistem em um poço pro

fundo protegido por paredes de paxiuba e teto de palha (Atualmente, está sendo construído um barracão que, segundo o tuxaua Alexandre, será destinado a um armazém para provisão de mercadorias, que a FUNAI pensa em instalar na aldeia).

Quanto aos sítios "Cafezal" e "Capina", os únicos visitados até o momento, consistem numa série de jiraus sem paredes, utilizando como proteção, grandes esteiras de folha de palmeira trançada.

6. POLUIÇÃO:

Não possuímos dados precisos sobre a população Tenharim no passado. Segundo as informações fornecidas pelo tuxaua Alexandre, os ocupantes de uma "maloca grande", unidade de habitação tradicional, seriam em torno de 200 pessoas. Alexandre calcula que em tempos de Taiguiri, seu avô, os Tenharim contavam com 10 malocas grandes, o que permite supor que nas primeiras décadas do século XX, a população seria em torno de 2.000 pessoas.

Tampouco possuímos nenhum tipo de censo após a situação de contato, que permita ilustrar em que medida isto afetou a população indígena. Atualmente, os Tenharim podem ser estimados em aproximadamente 225 indivíduos distribuídos da forma que segue:

	<u>HOMENS</u>	<u>MULHERES</u>
Aldeia do Marmelos	40	54
Cafezal	10	07
Capina	12	10
Igarapé Iundi	02	05
Igarapé Mafuy	16	13
Igarapé Preto	<u>10</u>	<u>06</u>
TOTAL	130	95

Do total apresentado, 30% pode ser considerado com menos de 15 anos, 50% deve encontrar-se entre os 15 e 30 anos, e os 20% restantes correspondendo às pessoas mais idosas. Em bora seja necessário levar em consideração a dificuldade de apresentar dados conclusivos, pode-se afirmar que os Tenharim apresentam uma pirâmide populacional marcadamente jovem e com tendência a aumentar.

#### 7. HISTÓRICO DO CONTATO:

Como foi explicitado anteriormente, entre 1817 e 1924, a denominação Parintintin é usada para designar de modo genérico os grupos Kawahiwa arredios localizados nos afluentes da margem direita do Madeira. Desde meados do século XIX, todos estes grupos passam a sofrer forte pressão exercida pela frente extrativista da borracha do rio Madeira, que teve como centro de atuação a cidade de Humaitá. Com o "boom" da borracha produzido no fim do século, essa pressão aumenta, o que leva a confrontos cruentos entre os integrantes da frente e a população indígena da região, resultando num descrêscimo significativo desta última e uma perda crescente dos territórios que possuíam tradicionalmente.

Após a pacificação dos Parintintin do Maicy realizada por Nimuendajú em 1924, outros grupos Tupi, tais como os Apairande, Diahub, Paim são contatados e associados aos Kawahiwa. Por volta de 1950, os Tenharim são contatados nas imediações do rio Marmelos, por seringalistas. Um deles, Delfim Bento da Silva, passou a morar com os Tenharim, "amansando-os". Delfim viveu longos anos entre estes indígenas chegando a casar com uma mulher da tribo, com a qual teve filhos. A ação de Delfim entre os Tenharim esteve orientada no sentido de fazê-lo trabalhar para ele, coletando castanha-do-pará, produzindo farinha de mandioca ou sorva. Deste modo, começa a atuar

IBDF. Em 1977, uma pessoa de nome Plínio, inicia pesquisas mineralógicas na região; em 1979, uma nova serraria começa a funcionar nas terras Tenharim do Mafuy, também liberada pelo IBDF e de propriedade de Nelson Marmentini. A ação decidida dos Tuxauas Alexandre e Luís fez com a FUNAI se mobilizasse e expulsasse os intrusos. Desta época são as constantes promessas por parte do órgão de assistência numa efetiva e pronta demarcação das terras.

Nova ameaça à integridade dos Tenharim é a Mineradora São Francisco do Igarapé Preto que, em 1979, começa a arremeter mão-de-obra-indígena. Esta mineradora atua até os dias de hoje e boa parte do pessoal jovem Tenharim tem trabalho nela. Próximo a sede da mineradora existe um núcleo Tenharim permanente, para onde se desloca frequentemente o pessoal dos outros aldeamentos, para visitas ou para adquirir mercadorias na cantina da firma.

Desde 1979, há a proposta de demarcação de uma Reserva para os Tenharim. Embora isto ainda não tenha acontecido, os limites da mesma sobre a estrada estão indicados por placas e pode-se dizer que até hoje, fora os acontecimentos acima assinalados, não foram registradas tentativas de ocupação da terra, pelo menos na área em que a estrada corta a projetada reserva. Entretanto, não é possível afirmar que os Tenharim estejam isentos dos efeitos nocivos do contato. Constantemente, isto é, dia e noite, todo tipo de veículos particulares (caminhões ou carros), e ônibus de duas linhas passam pelo meio da aldeia do rio Marmelos, rumo aos sítios e fazendas que se estendem desde Humaitá até Jacarecanga. A isto, somam-se os projetos de colonização do INCRA no Rio Aripuanã e no Juma. Este último, no município de Apuí, está planejado para abrigar 6.000 famílias. Uma vez assentado todo este pessoal, invariavelmente deverá atravessar a Reserva destinada aos Tenharim, por conseguinte, o centro de todos os núcleos de habitação indígena. Tanto em Cafezal, Capina como no Marmelos, as casas se encontram a distância de poucos metros da estrada. Assim,

intermediário entre os Tenharim e a população regional, comercializando a produção indígena.

No início dos anos 70 (1), os Tenharim ocupavam a aldeia situada no local São José onde a FUNAI e os contata pela primeira vez, provavelmente como a partir de levantamentos aéreos destinados ao traçado da BR-230-Transamazônica. Nesse local, é aberto um campo de pouso, e os Tenharim passam a partir de então, a ter contatos frequentes com os brancos.

Em 1971, o traçado da Transamazônica chega ao rio Marmelos. O funcionário da FUNAI que, nesse momento, atuava entre os Tenharim consegue, com a colaboração de Delfim, a remoção deles para a beira da estrada, onde permanecem até hoje. A longa atuação de Delfim entre eles parece ser o indicador mais forte para explicar a rápida aceitação da FUNAI pelos índios, e a posterior mudança para as proximidades das obras da estrada sem nenhum tipo de conflito, o que também pode explicar a total ausência de manchetes sensacionalistas em jornais ou revistas da época, que cercam o contato com grupos indígenas arredios.

A abertura da estrada Transamazônica facilitou a penetração da frente agro-pastoril, que passa a localizar-se ao longo de seu traçado. Deste modo, os Tenharim passam a ter relacionamemnto com a população regional e surgem os primeiros conflitos decorrentes do contato. Segundo reportagem do Jornal Porantim de novembro de 1979, em 1972 uma pessoa de nome Joel, empregado da Mineradora Paranapanema, de comuncordo com o Sr. Evandro, filho de Delfim com uma mulher branca, vende terras Tenharim nos Kms 46 e 149, da Transamazônica, próximo ao igarapé Mafuy, ao Sr. Arlindo Marmentini, que monta uma serraria numa área que foi ilegalmente liberada pelo

(1) Até a presente, não existiu possibilidade de consultar os arquivos da FUNAI. As informações aqui apresentadas são um resumo das levantadas entre os próprios Tenharim.

fora os resultados de um contato sem nenhum tipo de controle, onde os índios já viraram objeto turístico para os passageiros dos ônibus, os Tenharim devem arcar com o barulho e a poeira que o tráfego ocasiona.

#### 8. MODO DE VIDA:

##### 8.1 - ORGANIZAÇÃO SOCIAL:

No que diz respeito à sua organização social, os Tenharim encontram-se agrupados em famílias nucleares. A herança social é patrilinear, ou seja, cada indivíduo é reconhecido pela linha de descendência do pai. Por outro lado, os Tenharim estão agrupados em duas unidades clânicas que determinam a identificação de cada indivíduo dentro do grupo. Esses clãs são o Kwandũ (harpyia?) e o do Mutum (crax. sp/Mitu sp?). Estes são exogâmicos, ou seja, as pessoas que formam parte de um deles não podem casar entre si, devendo fazê-lo com alguém do outro clã. Assim, em cada família, o casal que a forma representa cada uma dessas unidades clânicas. Como a herança é patrilinear, todos os filhos pertencerão ao clã do pai e na hora do casamento, por sua vez, procurarão esposos no outro clã.

##### 8.2 - SUBSISTÊNCIA:

A subsistência tradicional dos Tenharim configura-se como uma economia adaptada à Floresta Tropical, baseada principalmente numa agricultura bem desenvolvida que, após a situação de contato, sofreu modificações. Portanto, na tentativa de traçar o quadro da economia Tenharim, parece interessante retomar algumas das informações referentes aos primeiros momentos do contato com os Kawahiwa. Assim, nas notícias deixadas por Rondon (1916), Nimuendajũ (1924) ou Levi-Strauss (1957

e 1958), o milho aparece em primeiro lugar nas suas roças e cinco variedades deste produto são apontadas como cultivadas pelos Kawahiwa; também era cultivada a mandioca, algodão, batata doce, urucum, mamão e outros produtos. A pesca aparece como o segundo item importante sendo realizada com arco e flecha ou com timbó, neste caso usando-se represar a água corrente. No que diz respeito à caça, parece ser o aspecto menos desenvolvido. Sô Nimucndajú menciona esta, informando-nos que a anta, veados ou macacos eram os animais mais procurados. Os Kawahiwa completavam sua dieta com a coleta de frutos silvestres.

Pelo menos entre os Tenharim esse quadro aparece hoje alterado de modo significativo. O milho não aparece praticamente na sua dieta e a produção da roça parece muito mais voltada ao cultivo da mandioca, provavelmente como resultado da comercialização da farinha com a população regional; a presença do arroz na agricultura Tenharim pode ser explicada pela mesma finalidade. Além destes produtos cultivava-se o cará, batata doce, abóbora, mamão, algodão, cajú, etc.

A maioria das roças Tenharim encontram-se ao longo da Transamazônica, a pouca distância da estrada, o que facilita em muito a circulação entre estas e a aldeia, como também o traslado dos produtos cultivados. O tamanho das roças varia entre 1.000 e 2.000 mts<sup>2</sup>, correspondendo cada roça a um chefe de família na qual trabalha ele, seus filhos e seus genros. Os trabalhos são realizados entre agosto e novembro: abrir a roça, queimar, limpar e plantar. Esses trabalhos são realizados segundo técnicos tradicionais; o uso do machado de ferro passou a facilitar em muito a abertura das roças.

Os outros dois itens da subsistência Tenharim também aparecem prejudicados pelo contato. A caça e a pesca apresentam-se como atividades secundárias que são realizadas nos espaços de tempo deixados pelas atividades extrativas da castanha-do-Pará, seringa ou sorva. A importância da caça nas atividades de subsistência dos Tenharim, não está ainda sufici-

**o** **Di** **pe**

14.

cientemente elucidada. Segundo Nimuendajū (1924:250) a pesca seria, entre os Kawahiwa, muito mais importante que a caça. Os tipos de caça mais frequentemente observados entre os Tenharim são a anta e diversos tipos de macaco. Dependendo do tipo de atividades desenvolvidas, as caçadas são realizadas em expedições individuais nas quais os homens saem e voltam no mesmo dia. Outra modalidade são as expedições de caça, pesca e coleta. Estas saídas podem demorar alguns dias, sendo alcançados lugares ou "acampamentos" já prefixados, localizados a um ou mais dias de viagem de canoa da aldeia. Expedições mais longas, de várias semanas, estão relacionadas com as atividades extrativas. Nestas oportunidades, os Tenharim procuram os seringais ou castanhais localizados no curso superior do Marmelos ou nos seus afluentes. Na volta das expedições, os Tenharim procuram trazer quantidades razoáveis de caça, como também de pesca. A carne é moqueada e assim conservada até chegar à aldeia.

Atualmente a caça é realizada com espingarda, embora as possibilidades de obter munição sejam escassas, devido ao alto preço da mesma na região. Para pescar usam linhas de nylon e anzóis de tamanhos variáveis. Entretanto, uma das modalidades mais frequentes de pesca é com arco e flecha. As flechas são feitas de taquara e pau d'arco, as pontas são confeccionadas com varetas de ferro ("vergalhão de construção"), trabalhadas com o machado até atingir a forma desejada. Geralmente, estas pontas levam um pequeno arpão, também de metal, fixo por meio de um cordel de algodão. Não foi observada a presença de armadilhas. A pesca com timbô é realizada naqueles locais onde o Marmelos forma pequenos lagos, facilitando assim o represamento d'água.

A dieta Tenharim é completada com aqueles produtos provenientes da coleta, tais como ingá, açai, goiaba, cajú, biribá, etc. Para a obtenção de ovos, são criadas na aldeia numerosas galinhas que, eventualmente entram na dieta.



#### 9. TUTELA E ASSISTÊNCIA:

Não há dados precisos para afirmar se entre 1970 e 1979, data da criação do Posto Indígena pela FUNAI, os Tenharim receberam assistência permanente deste Órgão. Entretanto, desde 1972, uma base do Summer Institute of Linguistics - SIL com duas pesquisadoras vem atuando entre eles. O estabelecimento da equipe do SIL não ofereceu nenhum tipo de conflito, tendo em vistas o domínio da língua e o convívio, desde 1968, de Helen e Laverá com os Parintintin. Com a finalidade de traduzir os evangelhos na língua Kawahiwa, visando a evangelização e a alfabetização nessa língua, o pessoal do Summer também forneceu medicamentos e serviços básicos de enfermagem.

A FUNAI instalou-se na região de modo definitivo a partir de fins de 1979, quando é aberto o P.I. Tenharim com sede na aldeia do Marmelos. A assistência limita-se particularmente a esta aldeia, consistindo em precário atendimento sanitário (distribuição de remédios e tomada de amostras de sangue para o controle de malária). Os Tenharim dos outros locais de vem trasladar-se para o Marmelos cada vez que precisam de pronto socorro ou solicitar medicamentos. O P.I. também se ocupa da comercialização do arroz, castanha-do-Pará, farinha de mandioca, sorva ou seringa.

Como equipamentos, a FUNAI instalou um motor de luz inicialmente para fornecer energia à casa do P.I., atualmente para a maioria das casas, um rádio emissor, geladeira, máquina de escrever, ferramentas diversas, como serra elétrica, etc. A eficácia destes equipamentos, porém, é geralmente nula, por estarem quebrados, sem conserto, ou porque falta gasolina.

Desde 1979, o chefe de Posto é fixo na área. O primeiro deles, Sr. Felix, se estabeleceu na região em novembro desse ano junto com a sua esposa. Sua gestão se mostrou bastante ativa, neste período foi construída a sede do Posto e as melhorias introduzidas na aldeia (vide pág.7). O sr. Felix alentou os Tenharim a retomarem suas tradições, embora entedes



se por tradição as festas marcadas pelo calendário. Com sua morte em 1982, o Posto passa por uma série de encarregados que permanecem pouco tempo no cargo, levando-o praticamente ao abandono. Em substituição ao sr. Felix, fica no cargo seu cunhado, mas este não assume de fato a chefia e, amedrontado com a "presença do espírito do morto" na aldeia, se retira do local. Durante parte do ano de 1983, tomou conta do Posto, no cargo de sub-chefe, um Índio Makurap. Entretanto, esta pessoa de caráter autoritário e dada à bebida, nunca chegou a ter um verdadeiro entrosamento com os Tenharim. Vivia frequentemente alcoolizado, costumava bater na sua esposa (o que revoltava aos índios) e, em julho desse ano, foi expulso da aldeia pelos Tenharim.

Em outubro de 1983, chegou um novo chefe de Posto, Zé Carlos, junto com uma enfermeira: esta permaneceu na aldeia até dezembro, quando saiu da área definitivamente. A atuação de Zé Carlos foi muito limitada, visto a falta de recursos de que dispunha. Sua gestão se limitou mais a controlar o acesso à área, fiscalizar em parte o trabalho dos índios. Como benfeitoria estendeu a rede elétrica à maior parte das casas. Com conhecimentos de enfermagem, ficou a seu cargo o atendimento aos índios, porém o mesmo era altamente precário: fornecimento de remédios para a tosse, para febre, ou aplicação de injeções para malária, quando, por falta de provisão, as agulhas descartáveis eram usadas mais de uma vez.

Em abril de 1984 Zé Carlos foi transferido para outra área indígena e substituído por Arlindo, com longa atuação entre as populações indígenas de Rondônia. Em julho deste ano chegou também uma nova enfermeira, Dona Auxiliadora, possuindo também longa atuação em área indígena e que, com os escassos recursos da farmácia, conseguiu dar um atendimento positivo aos diversos casos de malária, hipovitaminose e verminose.

Entretanto, o P.I. até julho de 1984 se ressentia pela falta de um veículo permanente e não contava com condições

de responder aos casos mais graves. Assim, em julho morreu um índio, Sabá como consequência de graves queimaduras. Sabá, que morava em Capina com seus filhos, já tinha sofrido um derrame cerebral e não tinha mais condições de se locomover. Durante a madrugada do dia 23 de julho, seu cobertor caiu em cima do fogo acesso para protegê-los do frio da noite. Do cobertor o fogo passou para a rede, atingindo-o. No dia seguinte, o pessoal do Marmelos foi comunicado do acidente e a enfermeira junto com outras pessoas se dirigiu de carona até Capina, conseguindo no fim da tarde remover Sabá para a aldeia do Marmelos. Uma vez ali, lhe foi ministrado soro fisiológico e feito um curativo, com o intuito de, no dia seguinte, seguir viagem para o Hospital do Índio em Porto Velho. Mas Sabá não resistiu e na manhã do dia 24 veio a falecer.

Também no mês de julho foi necessário enviar ao Hospital do Índio um menino que durante todo o curso de uma semana apresentou sintomas de pneumonia e, como existia a possibilidade de que a doença tivesse complicações de tipo cardíaco, Dona Auxiliadora, esgotadas as possibilidades que tinha na aldeia, achou conveniente o translada-lo para Porto Velho. Isto implicou em permanecer dois dias na estrada, aguardando uma carona que aceitasse levar a família até Humaitá e em arranjar o dinheiro necessário para a viagem até Porto Velho e a permanência nesta cidade. Este último aspecto foi solucionado mediante uma coleta de dinheiro entre aqueles que dispunham algum. Com a chegada de Arlindo, o Posto passou a contar com uma camionete, mas esta fica parada a maior parte do tempo por falta de gasolina.

Até agora não foi implementado nenhum programa comunitário que reunisse os Tenharim em torno dos interesses do grupo e como uma forma de responder ao embate da frente de expansão local, ficando portanto expostos a um progressivo individualismo que acelera, assim, o processo de desorganização tribal. A ação da FUNAI se limita, por enquanto, a fornecer material para trabalhar no seringal: facas para cortar as árvo-

res, canecos para coletar o látex, alguns mantimentos (arroz, açúcar, café) para o período de permanência na mata e o eventual traslado da produção até Humaitã.

#### 10. SERVIÇOS DE SAÚDE:

Não temos informações precisas sobre a existência de epidemias anteriores à situação de contato, epidemias essas transmitidas por invasores isolados ou outros grupos indígenas. Mas esta possibilidade não deve ser descartada. Alguns Tenharim informaram que no passado ocorreram "doenças" muito grandes, como catapora ou gripe, que acabaram com a vida de muitos deles. Confirmado isto, ficaria explicado, em parte, o decréscimo significativo da população nas décadas deste século.

A situação atual da saúde entre os Tenharim pode ser considerada como comprometida. Surtos de catapora, gripe, malária, são frequentes. Estados de hipovitaminose, são um constante, tanto em adultos como em crianças, da mesma forma que as verminoses nesta últimas. O tratamento destas doenças é o descrito no item anterior. No passado, por vezes, um médico de Porto Velho costumava chegar até a aldeia do Marmelos e controlar o estado de saúde dos Tenharim. As equipes de dentistas ou médicos encarregados do projeto Malária da Fundação Projeto Rondon, que atuam no Campus Avançado da UNESP em Humaitã, costumam fazer visitas esporádicas, mas a presença destes só serve para tratar casos de urgência ou constatar que alguns doentes deveriam fazer tratamento prolongados em um centro especializado.

Quanto ao controle da Malária, o pessoal da SUCAM passa periodicamente borrifando as casas com remédio. Mas isto só é uma ação de rotina pois os sítios ocupados pelos Tenharim estão localizados em terras sadias onde não se registra a presença do agente transmissor da doença. A aquisição da mesma pe

los indígenas está relacionada com as prolongadas expedições pela mata para alcançar os castanhais ou seringais.

11. EDUCAÇÃO ESCOLAR:

Apesar da aldeia do Marmelo contar, desde a criação do P.I., com uma escola devidamente equipada, a mesma nunca funcionou como tal. Durante a gestão do sr. Felix, o local só era utilizado para distribuir a merenda escolar. Em 1977, a equipe de lingüistas do SIL treinou alguns Tenharim na base da cartilha por elas elaborada, para que os índios ensinassem uns aos outros. Mas isto não parece ter dado maiores resultados. Nesse ano, a FUNAI pensou em implantar um programa bilíngüe que estaria sob a responsabilidade das pesquisadoras do Summer. Entretanto, a permanência destas na área tem sido muito descontínua nestes últimos anos. Em 1981 foi iniciada a instrução a umas 10 crianças, porém as tentativas de um ensino efetivo não tem sido muito promissor até o momento. Os Tenharim se ressentem disto, acham que estudar é importante e, sempre que podem, reclamam pela ausência por professora na aldeia.

12. SITUAÇÃO ATUAL DAS TERRAS:

É possível afirmar que a migração para o sul já assinalada (vide pág.4) de todo o contingente Kawahiwa, ocorrida durante a primeira metade do século XIX, foi o resultado da intensa ação da frente de expansão colonial no curso médio do Amazonas, durante todo o século XVIII. Uma vez implantada neste curso d'agua, o avanço ao longo de seus afluentes foi a consequência imediata, levando por conseguinte a um recuo dos povos indígenas aí localizados.

Deste modo, o território tradicional dos Tenharim, após

o processo migratório, é constituído pelo vale do rio Marmelos acima das cachoeiras do curso médio, as quais passaram a constituir o limite norte até suas cabeceiras no sul. A oeste o limite era a divisória de águas dos afluentes do Marmelos com os do Maicy, onde começavam as terras dos Parintintin; para leste se estendia até o rio Branco, afluente oriental do Marmelos. O território assim definido pode ser entendido como área de perambulação Tenharim, enquanto existia uma concentração de "malocas grandes" ou aldeias no espaço compreendido entre o rio Preto e o igarapé Mafuy.

Boa parte deste território faz parte da "Reserva Projetada Tenharim" proposta pela FUNAI em 1979 com uma área aproximada de 370.000 ha., embora apresente uma significativa redução a leste entre os cursos do igarapé Mafuy e o rio Branco (vide fig.3). A Reserva ainda não foi demarcada e, apesar da situação atual de aparente calma este fato preocupa em muito aos Tenharim, que percebem a pressão, em constante aumento, da frente agro-pastoril localizada na área, e sentem que suas terras são cobiçadas. Como todo povo caçador-agricultor, os Tenharim sabem que sem terra não serão mais nada, e por isto externam a cada momento sua preocupação pela falta de uma imediata demarcação por parte do órgão protetor.

Isto se coloca como prioritário quando se pensa que, na atual circunstância, para a FUNAI, contando só com um Posto Indígena e um único funcionário, é praticamente impossível manter qualquer fiscalização sobre o território da Reserva, particularmente na região sul, onde o acesso desde a BR-230, só é realizado pelos cursos dos rios Marmelos e Preto. Embora neste setor haja um certo controle realizado pelos próprios índios, pois nele se encontram seringais e castanhais aonde eles se dirigem periodicamente, o mesmo está exposto a qualquer invasão proveniente do rio Machado, por parte da frente de expansão que ali atua. A facilidade de mobilização nessa região está historicamente demonstrada pois, no passado, os

indígenas se dirigiam a pé das cabeceiras do Marmelos até o curso do rio Machado.

No mês de julho passado, uma equipe composta por pessoal da FUNAI e do INCRA esteve trabalhando no limite leste da Reserva região do Igarapé Mafuy verificando a situação da terra no setor, com a finalidade de propor a delimitação da mesma, por parte do órgão protetor. Na oportunidade, essa equipe verificou ali a existência de invasões e a construção de benfeitorias.

Dentro do atual panorama da situação da terra entre os Tenharim, a região do Mafuy parece ser a de maior preocupação. Ali se produz o entroncamento da Estrada do Estanho com a BR-230; no mesmo se encontra o Posto do Eduardo: um hotel e um restaurante, usados por todos os que se deslocam ao longo dessas estradas. A região também apresenta uma crescente colonização e é ali onde os índios reivindicam a posse de um castanhal, de usufruto imemorial e do qual não podem fazer uso na atualidade, por impedimento dos colonos situados nesse local. Na verdade, todo o território que a BR-230 cruza, entre o Igarapé Mafuy e o rio Branco, e que se encontra fora dos limites propostos para a Reserva, é de posse tradicional dos indígenas, ali se localizando parte das antigas aldeias, bem como roças e castanhais explorados pelos antepassados dos atuais Tenharim.

Conclui-se de todo o exposto que qualquer ação por parte da FUNAI que venha a preservar a posse dos indígenas do território proposto para a Reserva Projetada Tenharim, assim como contemplar as reivindicações por eles apresentadas nesse sentido, é de caráter urgente.

### 13. COMÉRCIO:

Com a abertura da BR-230 e o avanço por ela da frente agro-pastoril, os Tenharim foram colocados em contato direto

com a população regional. Até esse momento, o contato com o mundo dos brancos era mediado principalmente por Delfim Bento da Silva, que se encarregava de escoar a produção dos indígenas para Humaitã e de introduzir produtos industrializados entre eles.

Não possuímos informação sobre as formas que o intercâmbio ou comércio tomou no período compreendido entre a abertura da Transamazônica e a implantação do P.I. Após isto, a FUNAI tomou a responsabilidade de vender a comerciantes de Humaitã a produção de arroz, castanha-do-Pará ou seringa. Com a morte do sr. Felix e as sucessivas trocas de Chefe de Posto, a ação deste como intermediário parece ter sido anulada e os Tenharim passaram a tomar uma iniciativa própria. Contudo, para a venda direta de produtos em Humaitã, eles dependem de um veículo da FUNAI ou de alguém que aceite dar "carona" até a cidade. Isto nem sempre acontece e as sacas de arroz, castanha ou a seringa ficam longo tempo estacionada na aldeia. Outra possibilidade é vender essa produção ao marreteiro que passa vez por outra pela estrada. Atualmente existem dois, o sr. Duarte e o sr. Evandro. Este último é filho do sr. Delfim. Ele se reconhece como um amigo dos Tenharim, pois deles se criaram em sua casa em Humaitã, e por isto "faz um preço melhor" para os índios. Contudo, esta modalidade é a menos interessante, os produtos não são tão bem pagos quanto em Humaitã já que os marreteiros incluem no preço o custo do frete. Assim, os Tenharim preferem estocar a mercadoria aguardando que o preço suba. Deste modo, as vendas são realizadas quando realmente é necessário.

Apesar desse "espírito especulativo" dos Tenharim, essas vendas não podem ser caracterizadas como bem sucedidas. Quando são feitas, o pagamento não é recebido em dinheiro e sim em espécie. Os índios não têm um domínio perfeito do nosso sistema monetário e sempre saem perdendo nas transações. Em fevereiro passado, uma lata (20 litros) de castanha-do-



**Sipe**

24.

Pará era vendida a Cr\$ 2.000 e uma lata de farinha de mandioca a Cr\$ 4.500. Pela venda de uma lata de castanha, os Tenharim recebiam um pacote de 1/2 kilo de café, 1 kilo de açúcar e um pacote de bolachas doce (de maizena).

Outro item de comércio com a sociedade regional é o artesanato: Plumaria e cestaria. Este item parece ter um desenvolvimento recente, vista a aceitação do pessoal que passa pela estrada de pulseiras, colares, cestas, arcos ou flechas confeccionados pelos Tenharim. Este artesanato que antigamente era feito para uso cotidiano ou ritual, hoje só tem interesse enquanto objeto de venda. Há uma resistência por parte dos Tenharim de usar "coisas de índios" e preferem vendê-las, mas não ocultam a satisfação quando são elogiados pelo cuidado e beleza dessas peças. A produção e venda de artesanato não apresenta nenhuma organização. Ele é confeccionado no tempo deixado livre por outras atividades cotidianas e estocado. Quando algum viajante para na aldeia, todo mundo oferece sua produção ou, quando uma viagem é realizada até Humaitã ou Porto Velho, sempre se leva uma certa quantidade de artesanato na expectativa de vendê-lo e desse modo cobrir as despesas da viagem.

Os preços das peças variam bastante, uma pulseira ou uma cesta pequena pode estar por volta dos Cr\$ 3.000. Um colar ou cesta grande, Cr\$ 5.000. Um arco com flechas, Cr\$ 10.000 e um akanitara (cocar), talvez a peça mais aprimorada do artesanato Tenharim e que poucos artesãos confeccionam, entre 15.000 e 20.000. Entretanto, não é o preço que o índio pede que prevalece, e sim aquele que o comprador "pode" pagar, e este sempre é bem menor que o solicitado.

**14. SUGESTÕES PROPOSTAS:**

Após o exposto até aqui conclui-se que algumas medidas devem ser tomadas com relativa urgência com a finalidade de

alterar as consequências da situação de contato, revertendo assim uma situação de caráter negativo. Medidas essas que permitam aos Tenharim preservar suas tradições como nação indígena e lhes permitam, por outro lado, estabelecer com a população regional envolvente um relacionamento mais justo, baseado no respeito às sociedades originais.

Entre essas medidas devem ser enumeradas:

- 1) a delimitação e demarcação a curto prazo da Reserva Projetada Tenharim.
- 2) a mudança imediata da aldeia do Marmelos para o interior da mata, afastando-a, mesmo que seja por distância pequena, do traçado da BR-230. Isto evitaria os efeitos nocivos do contato indiscriminado, bem como a poluição do meio ambiente (barulho, poeira).
- 3) elaboração de um plano de saúde que contemple a permanência constante na aldeia do Marmelos de pessoal de enfermagem qualificado e com condições de deslocar-se aos outros centros de habitação Tenharim.
- 4) elaboração de planos comunitários de produção (matéria prima, alimentos, artesanato) que integre os Tenharim em torno de interesses comuns ao grupo e que permita desenvolver as formas tradicionais de organização social. Desse modo, se promoverá a afirmação dessa comunidade como unidade cultural com condições de manter com a população regional relações de igualdade.
- 5) elaboração de um plano educativo que permita aos Tenharim, além de adquirir conhecimentos para um melhor desempenho no relacionamento com o branco, recuperar o saber tradicional do grupo, tanto no referente aos diferentes aspectos do cotidiano, como na cosmovisão. Conscientizando o grupo do valor deste saber, se contribuirá assim para a afirmação de sua identidade como povo indígena.



15) TRABALHOS CITADOS:

AIRES DE CASAL, M.

Corografia brasílica. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da USP, 1975.

BETS, LAVERA

Dicionário Parintintin-Português-Parintintin. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1981.

————— E PEASE, HELEN

Morogitã - Lendas dos Parintintin. Rio de Janeiro, Summer Institute of Linguistics/Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1966.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE

Tristes trópicos. São Paulo, Anhembi, 1957.

Documents Tupi-Cawahib. Miscellanea Paul Rivet octogenario Dicata, II:323-338. México, 1958.

PENNA, HERCULANO F.

Falla dirigida à Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas... pello Presidente... em 1º de outubro de 1855. Relatórios da Presidencia da Província do Amazonas: novamente publicados por ordem do Coronel Antonio Constantino Nerj, I:171-266, Rio de Janeiro, Typographia do "Jornal do Comércio", 1906.

NIMUENDAJÓ, CURT

Os Índios Parintintin do rio Madeira. Journal de la Société des Américanistes, n.s., XVI:201-278. Paris, 1924.

RODRIGUES,

Ayron D. - Línguas indígenas do Brasil: o tronco Tupi.  
Porantim, ano V, nº 42, Brasília, agosto de 1982.

RONDON,

Candido Mariano da Silva - Missão Rondon, Apontamentos  
sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas  
Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas.  
Rio de Janeiro, Typographia do "Jornal do Commercio",  
1916.